

Ora, quando Schleiden diz que «a célula é um pequeno organismo», que «cada planta, mesmo a mais elevada, é um agregado de células que são completamente individualizadas e vivem uma vida independente», não faz mais do que repetir o que já fôra dito por De Mirbel, por Turpin, e até pelo velho «Plínio do século XVIII». Desdenhando da obra de Raspail, não a julgando «compatível com a dignidade da ciência», admite contudo as suas afirmações, apropriando-se delas.

Schwann filia as suas descobertas e as suas idéas nas pseudo-descobertas de Schleiden. De resto, pouco mais fez que estender aos tecidos animais o que se dizia dos tecidos vegetais (1).

Depois de Schleiden e de Schwann aparecem-nos sucessivamente ou simultaneamente uma multidão de investigadores, tais como Purkinje, (que tira à membrana celular a importância que erradamente lhe fôra dada por Schleiden), Max Schultze, Remak, Gerlach, Kœliker, Coste, Robin, etc., etc.

Chega-se finalmente a um período em que a teoria celular, metódicamente analisada, criticada e emendada, constitue um corpo de doutrina bastante sólido, de futuro não comportando mais que revisões de pormenor.

Recapitulando as etapas fundamentais porque passou, no seu desenvolvimento histórico, a teoria celular, tomaremos melhor conta da sua estrutura:

1665-1678: descobre-se que os tecidos vegetais são constituídos por vesículas microscópicas (células) separadas umas das outras por septos membranosos;

1759: descobre-se que essas vesículas são cheias;

1781: descobre-se no conteúdo da célula um corpúsculo diferenciado — o núcleo;

1824-1830: generaliza-se aos tecidos animais a concepção duma estrutura celular;

1831: afirma-se a constância do núcleo em tôdas as células;

1835: chama-se a atenção para a importância do citoplasma;

1838: faz-se a primeira síntese concreta das noções adquiridas e reünem-se em corpo de doutrina;

1839-1865: descobrem-se novos pormenores, rectificam-se algumas concepções (é a época dos sucessores de Schleiden e Schwann);

1865 até hoje: a teoria celular é revista, completada, criticada e erigida em doutrina fundamental da Biologia contem. porânea.

Estado actual da Teoria Celular

I — Nos sêres vivos, tanto nos mais simples como nos mais complexos, a matéria viva reveste sempre a forma duma célula ou dum grupo de células (2).

II — A célula é uma massa de protoplasma (substância viva) delimitada no espaço, revestida ou não duma membrana diferenciada, individualizada por um núcleo, gosando da propriedade de se nutrir e multiplicar, gosando portanto duma vida autónoma.

III — Todos os sêres vivos derivam duma

mentares, microscópicas, e prevê a importância da patologia celular. (Branca).

(1) O que, como se viu, já também fôra feito por outros (Raspail, por exemplo).

(2) Sêres respectivamente monocelulares ou unicelulares (bactérias, amibas, etc.) e pluricelulares ou multicelulares (metazoários-animais-e metáfitas-plantas). A noção de plantas unicelulares e pluricelulares foi introduzida por Turpin em 1826.

célula prè-existente por divisões sucessivas e sucessivas diferenciações: *omne cellula e cellula* (Virchow).

Crítica ao § I:

Assim posta, a teoria generaliza a idéa de que a célula é a única sede dos fenómenos vitais, e que, portanto, onde há vida há células. Ora esta afirmação é demasiado absoluta. A célula nem é a sede exclusiva da vida nem a unidade funcional de todos os sêres vivos. Não é «a forma elementar mais simples que pode apresentar a matéria viva organizada, de modo a manifestar as propriedades que caracterizam os sêres vivos (Henneguy). «A *Caulerpa crassifolia* vive, e a-pesar-do seu volume e de possuir órgãos semelhantes a raízes e a fôlhas, não é formada de células; e, como esta alga, são numerosos os vegetais acelulares» (Ge-